



N.º 1 EM TODO O MUNDO

**JAMES
PATTERSON**

MAIS DE 350 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

PRIVATE

PARIS

**TOP
SEL
LER**

e **MARK SULLIVAN**

Dedicado à La Ville Lumière

PRÓLOGO

GRAFFITER

18.º ARRONDISSEMENT, PARIS
6 DE ABRIL, 00H30

Com a mala de estafeta bem encostada à anca, o capuz da camisa preta puxado para cima e um lenço *keffiyeh* preto e branco axadrezado enrolado à volta do pescoço moreno, Epée desceu rapidamente a Rue Marcadet.

O seu nome significava *espada*, em francês — mais propriamente, uma espada de duelo, que era como ele se via nessa noite.

Estou aqui a declarar a guerra, pensou Epée. *A Espada marca o primeiro campo de batalha.*

A zona degradada à sua volta era pouco frequentada àquela hora da noite, e ele teve o cuidado de não levantar os olhos para as poucas pessoas que se cruzaram consigo no passeio perto da esquina com a Boulevard Barbés. As lojas de ambos os lados da avenida estavam às escuras, mas havia luzes a tremelicar nas janelas dos apartamentos por cima. Algures, um bebé chorava. Algures, tocava música do Médio Oriente.

Epée olhou para norte, para lá de uma livraria islâmica, de uma alfaiataria que vendia vestes longas e da loja da FEZ Couriers, um serviço de estafetas. Ela estava exatamente onde ele se lembrava de a ter visto durante a visita de preparação que fizera na semana anterior.

Ela tem tamanho suficiente, pensou ele, *e uma pele imaculada.*

Na verdade, é perfeita. Não conseguiria arranjar melhor.

Ao ver os passeios vazios numa extensão de quarteirões em cada direção, Epée puxou o lenço para a parte de baixo do rosto e avançou em passo de corrida para o alvo. Logo a seguir às portas fechadas de

uma mesquita, parou com uma derrapagem, levou a mão à mala e tirou de lá duas latas de tinta em spray.

Com uma lata em cada mão, vaporizou a parede da mesquita com movimentos amplos e circulares que começavam bem acima da sua cabeça e terminavam nos dedos dos pés. Em segundos, tinha terminado e sentia o êxtase agriçoce do artista exausto.

A conceção do *graffito* era sua, em vermelho-sangue a escorrer. Apesar das letras descaídas estilizadas, não havia dúvida do que dizia o *tag*:

AB-16

Do lado sul, ouviu-se um motor de um carro a descer a rua. Os faróis incidiram sobre Epée, que largou as latas e fugiu como um veado assustado.

O motor rugiu. Os pneus chiaram. Os faróis cortaram a noite. Começou uma algazarra de buzinas e a cena ficou envolta num azul cintilante.

A maldita polícia de Paris estava a vigiar o local!

Epée desatou a correr na diagonal para atravessar a avenida, pelo meio de dois carros estacionados até chegar ao passeio do lado oposto. O *graffiter* era invulgarmente veloz, mas nenhum homem conseguiria ser mais rápido do que um carro da polícia numa corrida em linha reta.

Mas a verdade é que Epée não fazia quaisquer tenções de se deslocar em linha reta. Especialista em *parkour*, a arte francesa de corrida de obstáculos urbana, encarava tudo o que existia na rua, fosse alto ou baixo, como um potencial aliado.

O carro da polícia seguia quase lado a lado com ele. Um outro carro-patrolha apareceu de onde a Barbés se cruza com a Boulevard Ornano. Acelerou direito a Epée. O seu cérebro espantoso viu ângulos, vetores e velocidades convergentes como se fossem leituras opacas na viseira de um piloto de caças a jato.

O carro descaraterizado atrás dele surgia agora na sua visão periférica. Epée saiu bruscamente do passeio em direção ao para-choques dianteiro do veículo. Saltou com fluidez, com graciosidade, mas cheio de intenção e precisão. Os pneus chiaram.

As solas de borracha do *graffiter* encontraram o para-choques. O corpo e as pernas enrolaram-se e deram impulso. O movimento

lançou-o em frente pelo ar, fletido como um praticante de esqui a descer a colina depois de um salto.

Epée aterrou, de peito para a frente, com as pernas a agitar-se em perfeita cadência com o impulso que havia criado, sem pensar em retiradas. Abordou o carro que se aproximava, pôs-se à frente dele em desafio, com a cabeça sempre a funcionar. Seriam capazes de atropelar um tipo por estar a fazer *graffiti*? Não lhe parecia. Mas já tinham acontecido coisas mais estranhas.

E aconteceram mesmo coisas mais estranhas. Ao invés de travar, o polícia acelerou. Epée ouviu o outro carro a aproximar-se com igual rapidez, como se pretendessem chocar com ele pela frente e por trás, cortá-lo ao meio.

Epée deu um salto no ar como um atleta do triplo salto. O seu pé esquerdo bateu ao de leve no capô do carro da polícia que se aproximava, o pé direito acariciou as luzes azuis que piscavam e ambos os pés absorveram a descida uma fração de segundo antes de as duas viaturas da polícia embaterem de frente mesmo atrás dele.

Epée tornara a sua fuga tão elegante como um solo de ballet, mas, não querendo correr riscos, percorreu vários quarteirões numa corrida veloz, abrandando ao chegar a uma rua sossegada.

Viu um *BMW* branco novinho em folha estacionado no meio do quarteirão, percebeu que a rua estava deserta e aproveitou a oportunidade para pintar com spray o capô com o mesmo *tag* de *graffito* vermelho-sangue.

AB-16

Dois já estão, pensou o Espada seguindo em frente. Faltam só 48.

PARTE UM

ABRIL EM PARIS

CAPÍTULO 1

1.º ARRONDISSEMENT

6 DE ABRIL, 15H30

— O segredo para se compreender os parisienses, Jack, é perceber que são quase o exato oposto das pessoas de Los Angeles — disse o homem enorme sentado à minha frente. — Em L.A., as crianças são educadas para serem otimistas, cheias de vida, amistosas. Contudo, às pessoas que cresceram em Paris é-lhes ensinado o valor da melancolia e uma crença inabalável na superioridade do sofrimento. É por isso que têm fama de ser antipáticos. É para vos deixar tão desconfortáveis como eles se sentem, e eles acreditam sinceramente que estão a fazer-vos um favor.

Era fim de tarde, um espetacular dia quente de primavera na capital francesa, e eu e o Louis Langlois estávamos sentados na esplanada da Taverne Henri IV, na Place Dauphine, já bem avançados no nosso segundo copo de um excelente bordéus.

Eu sorri e respondi:

— Não pode ser assim tão mau.

Divertido, o Louis abanou a cabeça e disse:

— É facto assente que a diversão, a alegria e a fruição generalizada da vida em Paris são um claro indicador de insanidade latente, ou, no mínimo, de que se está de visita vindo de um local inferior, o que abarca tudo o que esteja fora dos limites da cidade.

— Ora, vá lá — disse eu, já a rir-me baixinho. — As pessoas parecem genuinamente simpáticas. Até os empregados têm sido ótimos, até agora.

Com um desdenhoso abanar de mão, ele disse:

— Parecem simpáticos porque finalmente compreendem que Paris é o destino turístico número um em todo o mundo, e esse

turismo é o maior gerador de dinheiro da cidade. Ao mesmo tempo, sabem que és um turista da América — a terra dos absurdamente obesos, dos absurdamente abastados e dos absurdamente ignorantes — e têm esperança de que lhes deixes uma gorjeta absurdamente grande. Tens de acreditar em mim, Jack. Bem lá no fundo, os parisienses não gostam de si próprios, e ficam transtornados quando os outros lhes parecem exageradamente felizes.

Cético, ergui as sobrancelhas.

— Não acreditas em mim? — disse ele. — Observa.

O Louis atirou a cabeça para trás e começou a roncá-lo de riso. As gargalhadas pareciam ter-se apoderado dele e sacudiam-lhe o corpo de cima a baixo, como se estivesse a coçar as costas com elas.

Para minha surpresa e diversão, os clientes à nossa volta, e até a empregada que acabara de nos servir o vinho, olhavam agora de lado para ele. Isso só incentivou o Louis, que começou a uivar e a bater na coxa com tanta força que as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. Não consegui evitar começar também a rir-me. As pessoas à nossa volta olhavam-nos de boca aberta e desdenhavam agora de nós, como se tivéssemos fugido de um hospício.

Por fim, o Louis lá acalmou e limpou as lágrimas, e quando o café regressou à normalidade, murmurou:

— O que é que eu te disse? Recorro muitas vezes a este... riso para chatear suspeitos. Para as pessoas de Paris, um polícia que vê humor em tudo só pode ser doido. Só pode ser perigoso. Só pode ser temido.

Ergui as mãos em jeito de rendição.

— É a tua cidade, Louis.

— A minha cidade de adoção — disse ele, espetando um dedo no ar. — Eu não penso desta maneira, mas percebo bem.

Há 30 anos, o Louis deixara a sua casa em Nice, no sul de França, e entrara para a Polícia Nacional Francesa. A sua extraordinária inteligência emocional, o seu entendimento do povo francês e os seus instintos de investigação pouco ortodoxos haviam-no lançado rapidamente para um emprego em Paris na La Crim, uma força de investigação de elite semelhante às divisões de casos principais das polícias de Nova Iorque e de Los Angeles.

Durante 29 anos, serviu a La Crim com distinção. No dia anterior à sua reforma, ofereci-lhe um emprego a ganhar três vezes mais do

que auferia antes. É agora o responsável pela sucursal de Paris da Private, uma agência de investigação e segurança global da qual sou fundador e proprietário.

Há quem se refira à Private como «os Pinkertons do século XXI». Não sei se merecemos tão elevado louvor, mas é lisonjeiro, e foi essa reputação que nos ajudou a crescer a passos largos nos últimos anos, sobretudo no estrangeiro, o que me obriga a viajar mais do que desejaria.

Tinha estado de visita à sucursal de Berlim durante alguns dias e chegara a Paris na noite anterior. Depois de uma série de reuniões com os funcionários locais durante o dia, o Louis sugerira que saíssemos para beber uns copos e saborear uma boa refeição. Essa ideia brilhante havia-nos trazido a um dos seus cafés preferidos e levava-o a começar a explicar-me os intrincados mistérios de Paris, dos seus cidadãos e da sua maneira de pensar.

Antes que o Louis pudesse mudar de assunto, o seu telemóvel tocou. Ele franziu o sobrolho e disse:

— Pedi-lhes que só me ligassem se fosse importante.

— Não te preocupes — disse eu, dando mais um gole no vinho.

Mesmo que os parisienses não estivessem felizes, eu estava. O Louis Langlois era um tipo divertido e Paris ainda era uma das cidades mais bonitas à face da Terra, repleta de pessoas, arte e comida interessantes e por vezes chocantes. Dali a uma hora ou duas eu estaria sem dúvida a comer uma refeição incrível e provavelmente a rir-me muito mais. A vida, num futuro próximo, prometia ser muito boa.

Mas não foi.

O Louis atendeu o telefone, assentiu com a cabeça e disse:

— Claro que me lembro de si, Monsieur Wilkerson. Em que é que a Private Paris o pode ajudar?

Wilkerson? O único Wilkerson que eu conhecia era um cliente que vivia em Malibu.

— Sherman Wilkerson? — murmurei.

O Louis confirmou com um aceno de cabeça e disse para o telemóvel:

— Prefere falar com o Jack Morgan? Ele está mesmo aqui.

Passou-me o telemóvel. Ora, da última vez que tivera notícias do Sherman Wilkerson assim do nada, ele tinha quatro cadáveres na

praia por baixo da sua casa. Admito que havia nervos na minha voz quando lhe disse:

— Sherman?

— O que é que estás a fazer em Paris, Jack? — indagou o Wilkerson.

— De visita a uma das minhas sucursais de mais rápido crescimento.

O Sherman Wilkerson era um engenheiro nada dado a brincadeiras que construíra uma empresa de design industrial brutalmente bem-sucedida. Por feitio, lidava com factos e muitas vezes verbalizava com ligeireza a opinião que tinha das coisas. Como tal, fiquei admirado quando me disse, numa voz abalada:

— Talvez exista mesmo um Deus, afinal de contas.

— Está com um problema em Paris? — perguntei.

— A minha única neta, a Kimberly. Kimberly Kopchinski — respondeu o Wilkerson. — Acabei de desligar uma chamada dela, a primeira em mais de dois anos. Está num apartamento nos arredores de Paris e diz que tem traficantes de droga no seu encalço, a tentar matá-la. Parecia aterrorizada e implorou-me que mandasse alguém para a salvar. Depois a chamada caiu e agora não consigo contactá-la. Podes ir assegurar-te de que ela está em segurança? Eu tenho a morada.

— Claro que sim — respondi, fazendo sinal ao Louis para que pagasse a conta. — Como é que a encontramos?

O Wilkerson leu-me uma morada.

Eu aponte e disse:

— Pode enviar-me uma fotografia por mensagem? E falar-me dela? Estudante universitária? Empresária?

O Louis colocou o dinheiro na mesa e ergueu-me o polegar durante uma longa pausa.

— Sherman? — disse eu, pondo-me de pé. — Está aí?

— Sinceramente não sei o que a Kim tem andado a fazer nestes últimos dois anos, e sei pouco da vida dela nos últimos cinco — admitiu o Wilkerson enquanto saíamos do café e o Louis chamava um carro. — Os pais dela, a minha filha Pam e o marido, o Tim, morreram num acidente de barco há 6 anos.

— Lembro-me de me ter falado disso — disse eu. — Triste.

— Muito. Quando tudo aconteceu, a Kim estava no último ano da USC e tinha regressado de um ano de estudos em França. Ficou tão

arrasada como nós. Resumindo, ela herdou uma pipa de massa, bem como um fundo bancário, e transformou-se numa criança rebelde. Licenciou-se por pouco. Quando o fez, voltou de imediato a França. Sei que esteve durante uns tempos a trabalhar para os organizadores do Festival de Cinema de Cannes. Tentámos manter o contacto, mas cada vez tínhamos menos notícias dela. Antes de hoje, recebi um postal de Natal do Mónaco, e, antes disso, um cartão de condolências quando a minha mulher morreu.

O carro chegou e encostou. O Louis abriu a porta e eu entrei, dizendo:

— Não se preocupe, Sherman. Já vamos a caminho.

— Obrigado, Jack. Ligas-me quando a encontrares?

— Ligo, sim.

— Protege-a, Jack. Imploro-te — disse o Wilkerson. — É a minha única neta. Na verdade, o único familiar vivo que me resta.

— Não tem nada com que se preocupar — disse eu, desligando em seguida.

Depois de pôr o Louis a par da conversa, empurrei na sua direção o guardanapo onde escrevera o endereço.

— Sabes onde é?

O Louis pôs os óculos de ver ao perto e analisou-o, e a sua narina dilatou como se tivesse sentido o cheiro de qualquer coisa podre. Depois, levantou os olhos para mim e, com uma aspereza na voz, disse:

— Procura *sarilhos* e *perigo* num dicionário de francês e vais encontrar uma imagem deste sítio.

CAPÍTULO 2

PANTIN, SUBÚRBIOS A NORDESTE DE PARIS
15H45

Como é que te ponho a arder?

Como é que te faço ganhar vida como uma criatura do fogo do inferno?

No que em tempos fora uma fábrica de linhos junto ao canal de l'Ourcq, estas perguntas consumiam a mulher de pé sobre os andaimes, que afagava abstraidamente a longa trança de cabelo cor de mogno e analisava o esqueleto da estrutura gigante.

Estava na casa dos 30 anos, tinha a pele escura e uns assombrosos olhos azul-acinzentados. Usava uma roupa em completa dissonância com a sua beleza exótica: botas de tropa de biqueira de aço, calças de sarja de dupla face e com rebites e, sobre uma pesada camisa de ganga, uma capa e avental resistentes ao fogo.

Virou costas à estrutura, ainda sem saber bem como tudo iria funcionar, e procurou respostas no meio dos vários materiais que havia comprado ou resgatado e transportado para o edifício. No passado mês, acumulara duas toneladas de barras de aço número 9 em extensões de 6 metros. Arranjou secções de ferro forjado arrancadas dos esgotos durante um grande trabalho na estrada na direção de Reims. E tinha pilhas de metal laminado, ferro de ângulo e tubos de aço galvanizado recolhidos em ferros-velhos e infraestruturas de reciclagem de metal por todo o norte de França.

Os enormes postes em aço provinham de uma antiga oficina de reparação de motores em Orleães. Já estavam levantados, quatro deles enterrados no chão de cimento. Também as vigas haviam sido içadas e fixadas no sítio, formando uma caixa retangular aberta

com 18 metros de comprimento, 7,5 metros de largura e 9 metros de altura. De um ponto de vista estrutural, o trabalho pesado estava feito. A superestrutura do esqueleto estava de pé. E ela já conseguia ver as vagas dimensões do que começava a formar-se na sua...

— Haja! — chamou a voz de um homem.

Haja sobressaltou-se e olhou em volta para ver um homem robusto já perto dos 40 anos a sair de uma porta no canto. Pescoço largo, pele bronzeada, cabelo preto curto. Trazia um saco de ginásio e vestia fato de treino. Tinha uns ténis pendurados ao pescoço.

— Aqui em cima, Émile — gritou ela.

Émile Sauvage localizou-a e disse:

— Não devias estar a arranjar-te para o teu encontro?

— O Henri não está despachado antes das nove — disse ela. — Tenho imenso tempo.

— Envias mensagem quando estiveres lá dentro?

— Eu lembro-me do plano — disse ela.

— Vemo-nos lá.

— Estou desejosa, *chéri* — respondeu ela. — O AB-16, finalmente. Sauvage sorriu.

— Até que enfim, o AB-16.

Haja soprou-lhe um beijo e observou-o a sair pela porta principal. Ouviu o trinco antes de se virar de novo para a estrutura.

Ao vê-lo a partir daquele novo ângulo, sentiu uma súbita e intensa inspiração, percebendo como poderia iniciar o processo de criação. Já de modo apressado, sentindo-se agitada, Haja desceu dos andaimes. Agarrou num alicate de corte pesado e retalhou várias extensões de aço. Pousou-as no chão, junto ao poste mais próximo, e foi buscar a forja, a mangueira e o maçarico.

Colocando o capacete e o escudo, levantou o maçarico e o percussor e depois ligou o oxigénio e o acetileno e inflamou a mistura cicizante. Mesmo através do vidro fumado, a chama queimava com grande intensidade.

Eu consigo esculpir-te, pensou ela. Consigo criar-te a partir do nada. Mas como é que te ponho a arder como este maçarico em brasa?

Como é que crio uma visão apocalíptica que a França nunca mais esqueça?

CAPÍTULO 3

MONTFERMEIL, SUBÚRBIO ORIENTAIS DE PARIS
16H45

Pouco tempo depois de eu e o Louis Langlois termos falado com o Sherman Wilkerson, dirigimo-nos para leste de Paris, vestidos com fatos-macaco azuis com o logótipo de uma empresa falsa de serviços de canalização. O Louis conduzia um veículo de entregas *Mia* elétrico, que a mim me parecia um minifurgão, só que muito mais pequeno. A carrinha minúscula tinha o mesmo logótipo falso de uma empresa de canalização pintado nos painéis e na porta traseiros.

O Louis disse que usava muitas vezes o *Mia* e os disfarces de canalizadores em trabalhos de vigilância, mas naquela noite estávamos a usá-los para nos mantermos vivos.

— As zonas em redor do Bosque de Bondy sempre foram locais de pobreza, crime e violência — explicou o Louis. — Leste *Os Miseráveis*?

— Há uns anos — respondi. — Mas vi o filme há pouco tempo.

— Muito bem — disse ele. — Lembras-te da cena em que o Jean Valjean encontra a Cosette a ir buscar água? Da estalagem onde os Thénardiens roubavam os clientes? Tudo em Montfermeil. Hoje tem um aspeto diferente, claro está, mas o espírito negro do sítio mantém-se. Montfermeil é como o vosso Bronx na década de 1970, ou o centro-sul de Los Angeles nos anos 1990: desemprego elevado, taxa de crime alta e muitos gangues, traficantes de droga e violência. Junta a isso uma população muçulmana imigrante jovem e enraivecida e torna-se para mim imaginável o motivo que levou a Mademoiselle Kopchinski a procurar abrigo em Les Bosquets — um dos piores bairros sociais de França.

Encolhi os ombros.

— Acho que vamos descobrir. Tens a certeza de que o equipamento de canalizador é a melhor opção?

— *Bien sûr*. Toda a gente precisa de um canalizador a determinada altura, numa determinada emergência. *Non?* Os canalizadores podem ir e vir a qualquer hora, e ninguém acha que se trata de mais do que um pobre desgraçado com a sanita entupida. E não é costume os canalizadores serem incomodados, mesmo em sítios como Les Bosquets. E porquê? Porque toda a gente precisa de um canalizador! Se alguém rouba um canalizador, não tardará a que os canalizadores deixem de vir, e ninguém quer isso. Nem mesmo ali.

— Isto não daria resultado nos Estados Unidos — disse eu, fazendo sinal com a mão para o fato-macaco completo. — As pessoas iriam perceber que não éramos canalizadores.

O Louis pareceu admirado.

— Como é que haveriam de perceber?

— Nenhum canalizador americano vestiria um fato completo como este. Se assim fosse, não poderiam mostrar o rego do rabo, e isso é um requisito nos Estados Unidos.

O Louis olhou de relance e riu-se.

— Isso é verdade?

— Não.

O meu telemóvel vibrou, alertando-me para uma mensagem. Era do Sherman Wilkerson e incluía uma fotografia de uma jovem bonita com olhos tristes sentada a um balcão. Sob uma luz vermelha, mostrei-a ao Langlois, dizendo:

— É a fotografia mais recente que o Sherman tem. Ele diz que tem pelo menos quatro anos.

— Por regra, não gosto de trabalhos de babysitting — disse o Langlois.

— Nem eu — concordei, guardando o telefone no bolso. — Mas quando um cliente como o Sherman pede à Private para tomar conta da neta dele, nós respondemos.

Passados 20 minutos, e menos de 18 quilómetros depois das ruas chiques e dos parques distintos do centro de Paris, entrámos num mundo à parte. Pela janela da carrinha, a zona não parecia assim tão má à noite. Fazia-me lembrar um pouco Berlim Oriental, com

grandes aglomerados de monótonos prédios altos de apartamentos, uniformes e concebidos pelo Estado — uma decadente visão comunista do alojamento ideal.

Foi então que comecei a ver os *graffitis*. «A polícia que se foda» era um tema recorrente. Tal como as imagens de homens sem rosto com capuzes negros e chamas pintadas por trás e dizeres árabes escritos atabalhoadamente por baixo.

— Este bairro participou naqueles motins há uns anos? — perguntei.

— Les Bosquets esteve no cerne dos acontecimentos — confirmou o Louis. — E alberga um gangue violento especializado em atacar turistas que apanham o comboio do De Gaulle para Paris. Há uns meses, puseram um carro nos carris para parar um comboio que trazia mais de cem visitantes japoneses, depois subiram a bordo e assaltaram toda a gente com armas apontadas.

— À descarada.

— Sim, mas existem motivos — respondeu o Louis. — Nos anos sessenta e setenta, quando a França estava na mó de cima em termos económicos, precisávamos de mão de obra, por isso permitiu-se que imigrasse para cá qualquer pessoa proveniente de atuais ou antigas colónias francesas. Eles construíram os bairros e, uma geração depois, a economia rebenta mas os imigrantes ficam, e têm filhos, montes de filhos. Aí 50 por cento desta população tem menos de 25 anos. E não consegue encontrar emprego. Por isso vive em condições terríveis, sem objetivos. É uma receita para o desastre para todos os envolvidos.

— Não poderão resolver o problema prosseguindo os estudos? — perguntei.

O Louis abanou um dedo na minha direção e disse:

— Estás outra vez a pensar nos Estados Unidos, Jack. Em França, não é a mesma coisa. Aqui há trilhos adequados até ao poder — as escolhas certas, os amigos certos —, e esses trilhos estão vedados aos imigrantes. Pior, não existem transportes públicos nestas zonas. Sem carro, não se pode ir a lado nenhum. Fica-se encurralado. Fica-se enraivecido. Explode-se.

O Louis levantou o queixo na direção do para-brisas.

— Aqui está. Les Bosquets.

O bairro consistia em oito decadentes prédios altos. Nas janelas estavam penduradas cordas da roupa, assim como imigrantes de todas as idades e cores de pele. O Louis parou a carrinha na Avenue Clichy-sous-Bois.

Abriu o porta-luvas, tirou de lá uma *Glock 19* e entregou-ma.

— Não tenho licença para andar com isto em França — disse eu.

— Também não tens licença de canalizador francês, Jack — respondeu o Louis. — Mete-a no bolso e deixa-me ser eu a falar.

É difícil argumentar com um tipo que conhece tão bem o seu território como o Louis. Decidi confiar no seu discernimento e assenti com a cabeça. Saímos e tirámos caixas de ferramentas e lanternas da mala da carrinha. Do outro lado da rua, alguns homens tinham-nos controlado quando parámos, mas agora ignoravam-nos.

— Estás a ver? — murmurou o Louis, enquanto descíamos a estrada que entrava no bairro a norte. — Toda a gente precisa de nós, mesmo sem mostrarmos o rego do rabo.

CAPÍTULO 4

7.º ARRONDISSEMENT

17H00

O talonador, os pilares, os saltadores e os asas estavam bem apertados na formação quando o oitavo homem se juntou a eles e a batalha começou.

Num campo à sombra da Torre Eiffel, o médio de formação apanhou a bola de rãguebi no ar e lançou-a ao defesa, que acelerou loucamente para longe de uma multidão defensiva em grande perseguição. O defesa passou a bola para o central interior, que sofreu um embate, mas não antes de atirar a bola a Émile Sauvage.

Sauvage agarrou a bola de rãguebi no ar, segurou-a e acelerou direito ao seu inimigo. Espalmou a mão no rosto do primeiro defesa e emergiu no campo aberto. Do grupo defensivo surgiu um tipo grande e negro como o carvão. Deslocando-se lateralmente com tremenda velocidade e agilidade, apesar do físico, parecia determinado a placar Sauvage.

Mas, uma fração de segundo antes de o conseguir fazer, Sauvage deu um passo vacilante que sugeria uma mudança de direção. A finta resultou. O seu perseguidor pousou o pé com tanta força para se virar para o outro lado que tropeçou e se estatelou, enquanto Sauvage corria para a área de pontos.

Soou um apito. Sauvage abrandou até parar já muito perto da linha de ensaio e voltou atrás para ajudar o grandalhão a pôr-se de pé.

— Não torceste o tornozelo, pois não, Mfune?

Mfune sorriu, abanou a cabeça e disse, no francês entrecortado da África Ocidental:

— Mas foi uma bela jogada.

— Mantém-nos na dúvida, assume o caos — disse ele. — É a única maneira de sobreviver e vencer uma batalha. Qualquer batalha.

— A melhor tática — concordou Mfune.

Os outros jogadores bebiam água e reuniam o seu equipamento. O treino tinha terminado.

— Acho que temos tempo para uns tiros antes da palestra, não te parece? — disse Sauvage.

— Se formos rápidos.

Agarraram nos sacos e nas garrafas de água e apressaram-se a sair do campo, atravessando uma pista equestre e uma zona de estacionamento para chegarem a um edifício bege de três pisos. Transpuseram as portas duplas, dirigiram-se ao balneário, guardaram os ténis e as camisolas do treino e foram buscar os estojos das pistolas.

Depois de se registarem na carreira de tiro de 50 metros na cave, receberam munições de 9 milímetros, proteções para os ouvidos e óculos de atirador.

Colocaram alvos de silhuetas humanas a 35 metros, carregaram as pistolas MAC 50 e dispararam em cinco rápidas rajadas de duas balas, até esvaziarem as armas. Quando puxaram os alvos de volta, viram que quatro dos tiros de Mfune tinham sido na testa e seis estavam agrupados em torno do coração.

Porém, as dez balas de Sauvage tinham-se alinhado entre os olhos. Guardaram as pistolas nos estojos, devolveram o equipamento de proteção e regressaram ao balneário. Enquanto se secava, depois de ter tomado duche e feito a barba, Sauvage dirigiu-se ao seu cacifo, já a obrigar a sua mente complexa a compartimentar.

A farda ajudava, como sempre.

Sem demoras, vestiu-se com calças e camisa caqui do Exército Francês, gravata preta e uma camisola verde de comando com dragonas. Sapatos pretos lustrosos e uma boina verde completavam a transformação.

Fechou a porta do cacifo. Mfune também já estava vestido e pronto. Mfune bateu-lhe uma firme continência e disse:

— Major Sauvage.

— Capitão Mfune — respondeu Sauvage.

— Não sei porque é que estas palestras ocorrem sempre à noite — queixou-se suavemente Mfune. — E logo esta noite.

— À vontade, capitão — disse Sauvage. — Temos algumas horas até que o AB-16 seja lançado.

Os oficiais do Exército Francês saíram do balneário e caminharam por um pátio exterior empedrado. Outros homens e mulheres fardados já se apressavam para o interior de um edifício amarelado de dois pisos, transpondo umas portas azul-claras a precisar de pintura. Ao lado da porta, uma placa em bronze dizia: École de Guerre.

Escola de Guerra.

CAPÍTULO 5

17H15

O Louis tinha razão quanto ao facto de o canalizador ser o disfarce perfeito.

Passámos por quatro ou cinco grupinhos de tipos de aspeto ameaçador que, assim que fixaram os olhos no nosso logótipo de serviços de canalização, descontraíram e desviaram o olhar. O último grupo encontrava-se à porta da morada que nos havia sido dada, um edifício na parte de trás de Les Bosquets.

Lembrava-me o suficiente das aulas de Francês do secundário para perceber que um dos tipos perguntou para onde íamos. O Louis nem abrandou o passo, limitando-se a passar por ele dizendo algo que não consegui acompanhar. No entanto, pareceu resolver o assunto, porque ninguém nos seguiu até ao átrio, que estava mal iluminado, tinha uma parede de caixas de correio, muitas delas partidas, e apresentava um chão de cimento rachado e manchado de tinta em vários sítios.

— O que é que disseste àqueles tipos? — perguntei.

— Disse que a sanita do 412 estava entupida e que há merda por toda a parte. Serve sempre para lhes acabar com a curiosidade.

Não precisámos de tocar à campainha, porque não havia campainha nem segurança de qualquer espécie. Uma jovem mulher muçulmana com longas vestes pretas e lenço na cabeça desceu as escadas e olhou de relance para nós com uns enormes olhos castanhos que demonstraram desconfiança até se focarem nos logótipos dos nossos fatos-macaco. Assentiu com a cabeça e seguiu caminho. Dois adolescentes asiáticos desceram as escadas aos saltinhos enquanto subíamos, e nem sequer olharam duas vezes para nós. Tal como a mulher africana que trazia um monte de roupa lavada.

— Não me posso esquecer disto — murmurei ao Louis, enquanto o seguia em direção a uma escadaria em cimento.

— O trabalho de canalizador é uma coisa linda — respondeu ele.

Quando chegámos ao quarto andar do prédio, abrimos a porta que dava para um corredor vazio com um tapete esfiapado sobre o soalho. Senti os cheiros daquele sítio todos ao mesmo tempo: borrego a cozinhar em alho e cebola, fumo de cigarro, fumo de marijuana e o odor de demasiadas pessoas a viverem em grande proximidade.

As paredes e portas dos apartamentos não podiam ser muito grossas ou isoladas, porque havia um ruído generalizado a encher a passagem: bebés a chorar, panelas a bater, homens aos gritos, mulheres a gritar de volta, televisões e música aos berros em árabe e outras línguas que não consegui identificar. Tudo me parecia deprimente — sufocante, até —, e eu estava no prédio há menos de três minutos. O Louis disse que havia pessoas que toda a vida tinham vivido no Les Bosquets, e eu começava a compreender algumas das pressões que tinham contribuído para os motins.

Mas porque é que a neta do Wilkerson haveria de vir para aqui?

O Louis bateu à porta do 412. Passado um bocado, uma voz de mulher perguntou quem éramos e o Louis respondeu que vínhamos da Private e tínhamos sido enviados pelo avô da Kim.

Passou um minuto até se ouvir o trinco. A porta abriu-se com a corrente posta e uma mulher com ar cansado, que parecia polinésia e tinha vestida uma saia azul e uma camisola às flores, olhou para nós e pediu para ver a nossa identificação. Mostrámo-la e ela fechou a porta.

Durante vários minutos, nada aconteceu, e o Louis estava prestes a bater novamente quando ouviu o deslizar da corrente e a porta se abriu. O Louis entrou para um corredor estreito e mal iluminado e eu fui atrás.

A porta fechou-se atrás de nós e virei-me e dei por mim cara a cara com a Kimberly Kopchinski. Já nos 20 e muitos anos, de calças de ganga, blusa preta e uma coisa retangular prateada numa corrente à volta do pescoço, era inegavelmente bonita ao vivo. Mas, pela cor da sua pele e o modo como se segurava, dava para perceber que tinha passado recentemente por uma qualquer terrível provação física e que estava muito, muito assustada.

Apresentámo-nos e mostrámos-lhe os crachás e as identificações.

— Como é que sei que foi o meu avô que vos mandou? — perguntou ela.

Mostrei-lhe a mensagem do Sherman e a fotografia dela. A Kim fitou a fotografia durante alguns momentos, como se mal se lembrasse da rapariga que ali estava.

— Ele acha que está em perigo — disse eu.

— Eu *estou mesmo* em perigo — respondeu ela.

— Disse qualquer coisa sobre traficantes de droga...

— Eu só precisava de um sítio para onde ir, de desaparecer por uns tempos — disse ela, num sussurro tenso. — Conseguem ajudar-me a fazer isso?

— Conseguimos — respondi. — Mas se soubermos de quem se está a esconder já é uma ajuda, Kimberly.

O seu rosto contorceu-se numa dor interior e ela disse:

— Trate-me por Kim. E podemos ter esta conversa mais tarde? Assim que eu esteja num sítio mais seguro? Não posso ficar aqui mais tempo. O marido da minha amiga chega de Lyon daqui a poucas horas. Ele não sabe que eu cá estou, e se soubesse, eu estaria...

Tremeu-lhe o lábio inferior.

— Não se preocupe, Menina Kopchinski — disse o Louis. — Agora está sob o cuidado e proteção da Private Paris. Só por isso, não podia estar mais segura. Vamos levá-la para o mesmo hotel em que o Jack está hospedado.

— Um hotel? — disse a Kim, alarmada. — Não, isso é demasiado público.

— Este hotel é o mais discreto de Paris — disse o Louis, para a acalmar. — Eu já a registei com um nome falso.

A mulher polinésia saiu por uma porta na outra ponta do corredor trazendo um saco de lona na mão. Pousou-o no chão e deu uma pancadinha no relógio.

A Kim parecia arrasada, mas assentiu com a cabeça e foi ter com a mulher. Falou baixinho com ela durante vários instantes antes de a abraçar. As duas mulheres pareciam transtornadas quando se separaram.

Agarrando no saco, a Kim disse:

— Vamos embora.

Tivemos mais olhares atentos quando saímos com ela do que tivéramos à entrada, bem como muitos relanceares hostis, mas ninguém nos desafiou diretamente. Quando a Kim se sentou no banco de trás e o Louis ligou o motor do *Mia*, pensei que estivéssemos a salvo. Dali a 30 minutos, iríamos hospedá-la em segurança numa suíte do Plaza Athénée e eu falaria com o Sherman Wilkerson, tentando arranjar maneira de a enviar rapidamente para Los Angeles.

O Louis engrenou a mudança no *Mia* e estava a fazer inversão de marcha para se dirigir para oeste, para Paris, quando se ligaram uns faróis num quarteirão à nossa frente. Mais um conjunto de faróis surgiu meio quarteirão atrás de nós.

Não dei grande importância a isso, até o carro à nossa frente, um *Renault* preto, encostar e parar atravessado na estrada. Não conseguia bloquear a avenida inteira, mas também não deixou lá muito espaço para passar.

— *Merde* — disse o Louis, pisando o travão da carrinha elétrica e pondo-nos a andar em marcha-atrás.

— O que é que se passa? — gritou a Kim.

— Não vamos esperar para descobrir — disse eu, virando-me no assento para olhar pela janela traseira e ver o outro carro, um *Peugeot* azul, a aproximar-se velozmente pela outra faixa.

Um homem careca e pálido, com um blusão de cabedal vermelho cheio de tachas, estava debruçado na janela do lado do passageiro. Apontava uma metralhadora giratória.

CAPÍTULO 6

Sauvage ia inchado de orgulho ao subir para o segundo andar da lendária Escola de Guerra de França, com a história daquele sítio a acorrer-lhe ao pensamento. Em 1750, por sugestão de Madame Pompadour, Luís XV fundou uma academia militar para jovens pobres, para que pudessem ter uma via para melhorar as suas vidas. O mais prestigiante estudo académico era e continua a ser a Escola de Guerra.

Quase todas as principais figuras militares francesas dos últimos 225 anos passaram por alguma variação do programa, incluindo Napoleão Bonaparte e Charles de Gaulle. *Os oficiais que frequentaram a Escola de Guerra já puseram anteriormente em prática mudanças radicais*, pensou Sauvage, *e nós tornaremos a fazê-lo*.

Deslocaram-se na direção de um pequeno anfiteatro que já se enchia para a palestra especial do dia: «Guerra Psicológica».

Embora não fosse a sua especialidade, o major estava ansioso pela palestra.

Ao entrar no anfiteatro, Sauvage perscrutou a sala e os colegas estudantes — um hábito de reconhecimento antigo. Achava que, mesmo no meio deste grupo de elite de mentes militares, não existia ali ninguém, a não ser ele e Mfuné, que possuísse a visão, coragem e convicção para tentar algo como o AB-16.

Os restantes? Eram carneiros.

A oradora da noite era Eliza Greene, uma coronel do Exército Norte-Americano destacada para a NATO em Bruxelas e especialista na bela arte de fragmentar o arbítrio do inimigo e virar os corações e mentes dos civis apanhados pela guerra.

Algumas das técnicas e exemplos descritos pela americana deixaram Sauvage fascinado, mas, bem vistas as coisas, considerou a palestra dececionante e levantou a mão para o dizer.

— Coronel Greene — começou Sauvage. — Parecem-me táticas excelentes, mas, com o devido respeito, não acha que os guerreiros psicológicos como a coronel fariam bem em adotar as técnicas do marketing moderno, sobretudo a arte do *branding*?

A coronel Greene, uma mulher baixa e corpulenta, na casa dos 40 anos, reagiu enrugando a testa.

— O senhor é...?

— Sauvage — respondeu ele. — Major Émile Sauvage.

Ela assentiu com a cabeça, observando-o com atenção.

— Como é que faria isso, major?

— Defendendo alguma coisa, coronel — disse Sauvage. — Talvez uma coisa só, mas vendendo essa posição, essa única coisa, com um logótipo, talvez, ao inimigo e aos civis muito antes de se dar o combate.

A coronel Greene inclinou a cabeça, refletiu e disse:

— Na verdade, esse é o trabalho dos políticos, não é? A venda de uma guerra? Só quando se tem tropas no terreno e o combate começa é que as técnicas psicológicas realmente resultam. Derrotar o inimigo repetidamente em batalha ajuda muito na conquista das mentes civis.

Sauvage manteve-se firme na sua posição.

— Mais uma vez, com o devido respeito, coronel, já prestou serviço no Afeganistão?

Ela entesou-se e respondeu:

— Não, não prestei.

— Eu passei quatro anos no Afeganistão ao serviço da NATO — disse Sauvage. — E posso garantir-lhe que a mensagem norte-americana ali, o *branding*, se quiser, era confusa, distorcida, e o velho país irá simplesmente voltar aos seus métodos arraigados no preciso instante em que sairmos de lá.

A coronel Greene sorriu-lhe sem entusiasmo e disse:

— Talvez possa gerir uma guerra à sua maneira, com *branding*, logos e tudo o mais, quando for um general aos comandos, major Sauvage.

Sauvage achou a petulância dela exasperante. Apetecia-lhe insultá-la, informá-la sem rodeios de que ele já era o comandante de um exército em crescimento.

Mas depois sentiu a ligeira cotovelada de Mfune e percebeu. Não podia de maneira nenhuma dar a ideia de ser um fanático. Era a chave para se manter indetetável como olheiro, como espião e como guerrilheiro.

— Estou desejoso — respondeu o major, parecendo razoável.

Mas, quando a coronel regressou à palestra, Sauvage pôs-se a pensar que um dia, depois de tudo terminar, haveria de ir atrás da presunçosa coronel Greene para lhe pintar um «AB-16» com tinta de spray na sua cara ignorante.

CAPÍTULO 7

A metralhadora rugiu. A janela traseira do lado do condutor estourou, projetando pedacinhos de vidro e fazendo a Kim gritar de terror, e obrigando-me a ir à procura da *Glock 19*.

O Louis reagiu mostrando-nos as loucuras que conseguia cometer ao volante.

Numa outra época ou local, o diretor da Private Paris poderia ter conduzido uma equipa assaltante de bancos ou trabalhado como duplo no cinema, porque aquela explosão de tiros levou-o a libertar-se para uma série de manobras durante os 15 minutos seguintes que me deixaram sem fala e a tremer.

Um segundo depois de a janela lateral estourar, o Louis baixou-se e levou a carrinha de entregas a desferir uma série de voltas em S, como se fôssemos um esquiador numa pista de slalom, só que às arrecuas. Os gritos da Kim já tinham esmorecido para queixumes no momento em que o *Peugeot* travou a fundo e veio atrás de nós em marcha-atrás. O *Renault*, contudo, seguia em terceira, na nossa faixa, e vinha na nossa direção em velocidade máxima.

— Agarra-te à pega por cima da porta, Jack, e, quando eu guinar, atira aos pneus do veículo mais próximo! — gritou o Louis.

Descendo freneticamente o vidro, agarrei na pega com a mão esquerda e repousei a direita no espelho retrovisor lateral, de modo a estabilizar a arma.

O tipo careca e pálido dependurado do *Peugeot* estava agora colado aos nossos faróis, a apontar a metralhadora com a mão esquerda. Começou a disparar, rebentando com uma das nossas luzes e estilhaçando o meu lado do para-brisas num padrão de teia de aranha.

O Louis nem se encolheu; ao invés, virou o volante e fez guinar a traseira da carrinha para aquela estrada secundária que tínhamos

percorrido a pé para adentrarmos mais o bairro. Ao fazer isso, o *Renault* ficou na mira da minha pistola a 20 e poucos metros. Fiz pontaria abaixo do guarda-lamas frontal do lado do passageiro e premi o gatilho.

A *Glock* deu um coice e a bala fez saltar faíscas do para-lamas mais baixo. Mas o segundo tiro já acertou no alvo e rebentou com o pneu. O *Renault* guinou para a direita em direção ao *Peugeot* e eu apertei o gatilho uma terceira vez. O pneu do lado do condutor ficou destruído. A parte da frente do carro embateu com força no pavimento, lançando num rodopio louco pelo ar de lascas de borracha fumegante.

A traseira do *Peugeot* acertou na parte lateral do *Renault* e tive a certeza de que o atirador pálido ia sair dali disparado como um temerário lançado de um canhão. Mas o tipo devia ter uns reflexos e uma força extraordinários, porque conseguiu aguentar-se.

O Louis pisou o travão. Parámos de modo instável e ruidoso à frente de alguns dos membros de gangues por quem havíamos passado anteriormente a pé. Muitos deles davam saltos e gritos de alegria como se fôssemos a melhor coisa que acontecia em Les Bosquets há meses, talvez anos.

Um deles gritou qualquer coisa em francês que não apanhei, mas o Louis percebeu e começou a rir-se, ao mesmo tempo que punha novamente o minifurgão em posição de marcha e pisava o acelerador a fundo. Passámos por outros grupos de imigrantes que agora nos gritavam aquelas mesmas palavras.

— O que é que eles estão a dizer? — perguntei aos berros, ao mesmo tempo que arrancávamos a grande velocidade para a Avenue Clichy-sous-Bois, na direção oposta àquela de onde tínhamos vindo.

— Canalizadores destemidos! — informou o Louis, sorrindo, com uma boa dose de loucura no olhar.

Eu próprio comecei a rir-me um bocadinho. Calorosas, boas, malucas — o misto de emoções que me assolavam pareciam-me familiares, como se estivesse de volta a uma missão no Afeganistão, carregado de adrenalina, prestes a aterrar o meu helicóptero e um pelotão de fuzileiros navais no raio de alcance de atiradores furtivos talibãs e granadas *rocket*. Por vezes, o importante era correr o risco.

Depois apercebi-me de que não tinha confirmado como estava a Kim e que ela deixara de se lamuriar. Temendo o pior, virei-me rapidamente e vi que tinha saído do seu lugar para ir para o pequeno compartimento de carga para olhar pela porta traseira.

— Está bem? — gritei.

Um clarão de faróis surgiu atrás de nós.

— Kim?

Ela virou a cabeça com um sacolejo, com rímel a escorrer-lhe pelas faces, e disse:

— Eles estão a chegar.

Desapertei o cinto de segurança e saltei para a parte de trás no preciso momento em que o Louis fazia uma curva apertada à esquerda. Isso fez-me perder o equilíbrio e embater com força na parede da carrinha, aturdido, por breves instantes, até ver a Kim a rastejar na minha direção.

— Está tudo bem? — perguntou ela, tentando reprimir as lágrimas.

Por cima do seu ombro, uns faróis irradiaram pela janela traseira. Ouviu-se um barulho violento e estrepitoso e a janela reben-tou, fazendo chover sobre nós pequenos pedaços de vidro à prova de estilhaço.

— Tira-os de cima de nós, Jack! — gritou o Louis. — Antes que nos reben-tem com os pneus!

Aquilo serviu para me deixar de novo completamente alerta. Arrastando-me ao lado da Kim, consegui chegar à porta traseira. Agachado por baixo da estrutura da janela, estiquei o braço para cima e empurrei a *Glock* pelo buraco que a metralhadora havia feito. Inclinei a pistola na direção dos faróis e premi o gatilho duas vezes.

Ouviu-se um chiar de pneus e os faróis recuaram.

Não consigo dar todos os pormenores da perseguição que teve lugar nos minutos seguintes porque não faço a mais pequena ideia de que estradas tomámos nem quando ou onde virámos. Para mim existiam apenas aqueles faróis e a tentativa de lhes acertar de cada vez que se aproximavam, enquanto o Louis tentava enervá-los.

— *Merde!* — gritou-me o Louis a dada altura. — Segura-te!

À nossa volta só havia carros a derrapar e a buzinar.

À nossa volta só havia carros a chocar.

CAPÍTULO 8

O Louis passou um semáforo vermelho e subimos a grande velocidade a Route Nationale 3, a sul da cidade de Sevrans. Levantei-me para espreitar pelo buraco na janela de trás e vi cinco veículos arrastados nos 200 metros de estrada que iam dar ao acesso à autoestrada. De alguma maneira, o *Peugeot* e o tipo careca com a metralhadora giratória tinham conseguido escapar ilesos daquela amálgama de carros. Tínhamos aumentado a distância entre nós, mas eles continuavam a aproximar-se, e com força.

— Tens de andar mais depressa! — gritei.

— Vou o mais depressa que um *Mia* consegue ir! — berrou o Louis. — São 110 de velocidade máxima.

Estávamos lixados. Eu não sabia qual era a velocidade máxima do *Peugeot*, mas era seguro arriscar que era mais do que 110. A Kim devia estar a pensar basicamente a mesma coisa, porque perguntou, aos gritos:

— Até onde conseguimos ir?

— Mais 83 quilómetros — respondeu o Louis. — Não falta bateria.

Eu ia agora em pé na parte de trás da carrinha, com a mão esquerda a fazer força sobre o tejadilho, e arranquei o resto do vidro com a coroa da *Glock*. O *Peugeot* seguia a menos de 500 metros, serpenteando pelo meio do trânsito.

O Louis conseguiu manter-se à frente deles na interseção para a Autoroute 4, uma autoestrada de três faixas em direção a sul. Mas a faixa adicional fez afunilar o tráfego e o *Peugeot* aproveitou, acelerando atrás de nós a 130, 140 à hora. O louco pálido pendurado da janela não pareceu importar-se quando atirei contra ele e falhei.

Ergueu a metralhadora com uma mão. Deixei-me cair mesmo a tempo. O tiro retiniu e silvou na porta traseira. Eu ia dar um salto

e responder com tiros, mas foi então que reparei que a trava do ferro-lho estava aberta. A pistola estava vazia.

Rodopiei, mantive-me acorrido e assim passei pela Kim, que se encontrava sentada no chão da carrinha, bem agarrada às pernas do banco retrátil com os olhos fechados. O Louis ia curvado sobre o volante como uma espécie de mago com uma bola de cristal. Agarando nas costas dos dois bancos da frente para ganhar estabilidade, eu disse:

— Fiquei sem munições. Preciso da tua...

— Não há tempo — berrou o Louis, ao mesmo tempo que atirava o *Mia* bruscamente para a faixa rápida, antes que o *Peugeot* conseguisse pôr-se de novo ao nosso lado.

No momento seguinte, tudo pareceu mexer-se mais devagar, e fiquei completamente ciente de tudo à nossa volta. Havia um *BMW coupé* vermelho-sangue na nossa faixa, três carros de distância à nossa frente, mesmo a seguir ao nariz de um camião azul logo à nossa direita. Depois do camião, na faixa mais à direita e dois carros de distância mais à frente, uma mulher num sedã *Mercedes* prateado cantava o que passava na rádio. À nossa esquerda, os rails de proteção refletiam as luzes dos faróis do *Peugeot*, que se aproximava velozmente.

Iniciámos uma subida. O camião meteu uma abaixo e abrandou. O *BMW* acelerou, abrindo espaço. Pelo espelho retrovisor, o tipo pálido e careca fazia pontaria aos nossos pneus, e segurei-me bem, calculando que iríamos espetar-nos nos próximos segundos.

Sem aviso prévio, o Louis guinou o volante para a direita. O careca atirou contra nós mas falhou, acertando nos pneus do *BMW*. O nosso quarto de painel traseiro da direita roçou no para-choques dianteiro do camião, que nos fez derrapar pela autoestrada num pião de 360 graus.

Foi surreal e turvo, quase como estar num helicóptero em queda. Agarrei-me pela minha querida vida, com a certeza de que íamos capotar ou embater com força naquele *Mercedes* na faixa mais à direita.

Mas o Louis deu uma guinada rápida com o volante e foi por uma questão de centímetros que não batemos de lado no *Mercedes*. A carrinha endireitou-se e nós acelerámos para a faixa de saída para a D34 em direção a leste.

Eu tremia da cabeça aos pés quando nos integrámos no trânsito em direção a Paris. Em toda a minha vida, nunca tinha visto uma manobra tão atrevida como aquela. Entalados na faixa rápida pelo camião mais lento e o *BMW* danificado, os tipos no *Peugeot* nem sequer tiveram hipótese de nos seguir.

O Louis cerrou o punho e mostrou-me novamente o seu sorriso selvagem.

— É assim, Jack — disse ele, com orgulho —, que um canalizador conduz em Paris.

Eu ri-me, mas depois ouvi a Kim Kopchinski dizer numa voz tensa:

— Eles sabiam que eu ali estava. Como é que sabiam? Como podiam saber?

— Não se preocupe, Mademoiselle Kopchinski — disse o Louis.

— Eu ligo a uns amigos na La Crim. Arranjo-lhe proteção para...

— Não! — gritou a Kim. — Se for para chamar a polícia, o melhor é matar-me já aqui.

CAPÍTULO 9

8.º ARRONDISSEMENT
20H30

O Louis Langlois parou o carro na Rue du Boccador. Um homem de jaleca branca de *chef* e avental fumava um cigarro ao lado de uma porta aberta, enquanto uma mulher pequenina, com um fato cinzento impecável, esperava do outro lado. O Louis acenou-lhe e ela fez um ligeiro movimento de aceno.

— Chama-se Elodie — disse o Louis. — É ela quem toma conta de tudo, Jack.

— Que lugar é este? — perguntou a neta do Wilkerson, antes de eu fazer deslizar para trás a porta lateral do *Mia*.

— Entrada pela cozinha para o restaurante do Alain Ducasse na Plaza Athénée — respondeu o Louis. — Aquela porta dá-nos acesso ao elevador do serviço de quartos. Ninguém saberá que aqui está. É assim que os famosos e os infames entram e saem.

A Kim hesitou e depois assentiu com a cabeça. Abriu a porta e dirigimo-nos rapidamente para a entrada traseira do hotel. Eu já tinha despido o fato-macaco de canalizador e tornado a vestir o blazer azul, por isso enquadrava-me de alguma maneira naquele local elegante no coração do centro da moda de Paris. Mas a Kim tinha aspeto de quem andava a dormir há dias com a mesma roupa velha.

A Elodie não pareceu dar importância.

— *Bonsoir*, Monsieur Morgan — disse ela alegremente, fazendo em seguida uma vénia à Kim. — Madame.

O *chef*, um tipo magro e atraente na casa dos 30 anos, apagou o cigarro, sorriu e fez sinal na direção da porta aberta e dos sons de tachos e panelas a bater.

— Façam favor — disse ele.

A Elodie orientou-nos para o interior e, passados alguns segundos, serpenteávamos por uma cozinha topo de gama onde um grupo fervoroso de jovens homens e mulheres com barretes brancos limpavam tudo depois do serviço da noite. Vários elementos do pessoal da cozinha olharam de relance na nossa direção, mas depois viram o *chef* atrás de nós e voltaram aos seus afazeres com renovado vigor.

A Elodie levou-nos até um elevador de serviço e premiu o botão para o oitavo andar.

— Monsieur Morgan, a pedido do Monsieur Langlois levámos as suas coisas para uma outra suíte, com dois quartos e uma generosa sala de estar — disse ela. — Por sorte, estava disponível. Amanhã irão chegar várias princesas sauditas com as respetivas comitivas e ocuparão todo o sétimo andar.

— Pode ser assim? — perguntei à Kim.

Abraçando o peito como se de repente tivesse frio, ela assentiu com a cabeça, mas com pouco entusiasmo. Saímos no oitavo andar e seguimos a Elodie até uma porta.

— Uma bela suíte — disse a Elodie, passando um cartão-chave eletrónico.

Abriu a porta com um empurrão e entrámos numa espaçosa zona de estar com mobiliário *art deco* preto e branco e portas francesas que davam para uma pequena varanda.

— Tem vista para a Torre Eiffel da varanda e do seu quarto — disse a Elodie à Kim.

— Digno de contos de fada — disse eu.

— Parece o quarto em que a Carrie ficou nos últimos episódios de *O Sexo e a Cidade* — comentou a Kim.

A zeladora riu-se.

— Não, esse fica lá em baixo, no sétimo andar, e está quase sempre reservado, lamento. As sauditas adoram ficar aí.

A Elodie mostrou-nos rapidamente as características da suíte e deixou-nos com a garantia de que poderíamos ligar-lhe a qualquer hora da noite e de que o serviço de quartos estava disponível 24 horas por dia. Depois de ela sair, percorri novamente a suíte, verificando janelas e portas, incluindo uma porta trancada que a Elodie disse que dava para um terceiro quarto, caso fosse necessário.

A Kim, entretanto, tinha ido ao minibar e abrira duas garrafinhas de vodca *Stolichnaya*. Despejou-as num copo, deu um longo gole, estremeceu e levou o copo e a mochila para a varanda.

Eu fui à casa de banho, peguei numa ementa e ouvi bater à porta. O Louis entrou a arrastar os pés, coçando a barba grisalha, com aspeto de quem tinha acabado de acordar, e não de quem acabava de sair de uma perseguição a alta velocidade.

— Ela já disse alguma coisa? — perguntou baixinho.

— Estou só a dar-lhe algum espaço — respondi.

Passámos pelas portas abertas para a varanda, onde encontrámos a Kim a olhar para a Torre Eiffel e a levar um cigarro por acender aos lábios. Desprendeu aquela peça de joalharia retangular prateada da corrente que tinha ao pescoço e apertou-a com o polegar. Abriu-se uma tampa de repente, revelando o mecanismo de um isqueiro.

Acendeu-o e deu duas passas profundas no cigarro, antes de o Louis dizer:

— Quer falar-nos acerca disto?

A Kim virou-se e olhou para nós com aquele fito vítreo e distante que eu já vira em fuzileiros enquanto os resgatava do combate pelo ar.

— Hoje é melhor não — disse ela. — Só preciso de dormir.

— Se não nos disser o que se passa, não podemos protegê-la — disse eu.

Ela emborcou a vodca e disse:

— Seirmos bem as coisas, ninguém pode proteger-me, e, se eu lhe contar, também ninguém conseguirá protegê-lo a si.

— Mas ninguém sabe onde se encontra agora — argumentou o Louis.

— Não importa — disse a Kim, empurrando-nos para passar. Desta vez levava as duas garrafinhas de uísque *Glenlivet*.

— Assim até parece que a polícia está envolvida no seu problema.

— Se vocês a envolverem, eu terei um novo problema.

Suspirei de exasperação.

— A Kim não está a zelar por si.

O riso dela foi forte e curto.

— É aí que se engana, Jack. Eu estou garantidamente a zelar por mim. Agora, se me dão licença, vou desfrutar da minha vista da Torre Eiffel, tomar um duche e dormir um bocadinho.

Entrou no seu quarto e fechou as portas atrás de si.



PRIVATE

AGÊNCIA INTERNACIONAL DE INVESTIGAÇÃO

*Quando os ricos e poderosos estão em apuros,
não é para a polícia que ligam...*

Alguém anda a pintar um misterioso *graffiti* nas paredes e muros de Paris. Quando este começa também a surgir ao lado dos corpos de várias figuras ilustres da cultura francesa, assassinados e expostos como que a pedir que a polícia os encontre, Jack Morgan e a Private são chamados a intervir.

Kim Kopchinski, neta de um dos mais antigos e estimados clientes de Jack, está em sarilhos. Ligou a pedir ajuda ao avô e o telefonema foi feito a partir de um dos bairros sociais mais perigosos da capital francesa.

Estes dois casos levarão a equipa da Private a todos os cantos da Cidade Luz, desde os ambientes luxuosos das altas esferas da cultura aos mais sórdidos recantos do Bosque de Bondy, enfrentando traficantes de droga, terroristas e assassinos, dispostos a tudo para conseguirem o que pretendem.

**Um thriller emocionante, imprevisível e vertiginoso,
com toda a ação imparável que caracteriza
James Patterson.**

Leia também os outros livros sensacionais de James Patterson,
o autor n.º 1 em todo o mundo:



Série Private, n.º 5

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20/20 editora

ISBN 978-989-8855-09-1



9 789898 855091

Ficção/Policial